

||||| ||| ||| |||
julliano mendes

Nelson Rodrigues

**NELSON
RODRIGUES**

Ouro
Preto
Editora

Juliano Mendes

Nelson Rodrigues

Título original

Nelson Rodrigues, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

Nelson Rodrigues é um adjetivo.....	5
Nelson Rodrigues.....	9
1º ATO	10
2º ATO	35
3º ATO	58
4º ATO	64
5º ATO	86
DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES.....	89

Nelson Rodrigues é um adjetivo.

A obra dramática de Nelson Rodrigues me provoca tanto uma noção de brasilidade quanto uma inclinação aos temas controversos de aspectos da alma humana. A aposta que a sexualidade – e, conseqüentemente, sua repressão e sua compulsão – determina e condiciona a humanidade, revelando-a. Em suas dezessepe peças se apresenta uma família brasileira difusa, perversa e perversificada, mas, também, afetada e interessante, dramática. Há alguns anos eu escrevi “Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare”, obra construída a partir de um hipotético encontro de diversos personagens do bardo inglês num mesmo reino. Se, naquele momento, era caraíba comendo europeu, antropofagia oswaldiana, agora eu queria uma experiência mais autofágica: caraíba comendo caraíba.

Decidi fazer de Nelson Rodrigues um personagem. Mas não parti, necessariamente, do homem, não me interessava sua biografia. Nem cingi nele características de seus personagens mais marcantes. Desejei um personagem ficcional que, a princípio tivesse em comum com o dramaturgo apenas o nome, embora seu nome jogado no ar como um substantivo comum já contenha diversos significados arraigados. Há dois anos eu usaria, para ele, a palavra ‘mito’ para designar a força que seu nome evoca e o que essa evocação significa. Infelizmente, o ano de 2018 derrocou a beleza da palavra ‘mito’. Permitam-me, portanto, trata-lo como ‘mestre’. Nelson Rodrigues, popularizado pelas montagens, pelos filmes e pelas séries de televisão, virou adjetivo. ‘Rodrighiano’ agrega, no substantivo a que faz referência, aspectos alusivos à sexualidade e suas perversões. É daí que meu texto parte: embora ‘Nelson Rodrigues’ seja um nome próprio de particular acepção, é também um adjetivo arraigado na cultura.

Aqui, nesse drama, ele é casado com Irene, e a filha deles

se chama Canudo. Típica família brasileira? Típica família brasileira rodriguiana. “Nelson Rodrigues” se revelará, no fim, uma homenagem à família brasileira conservadora. Nas relações que espocam da violência dos desejos e de sua privação, o universo caótico do mestre se apresenta. Que o próprio Nelson Rodrigues seja personagem dessa histeria, acaba sendo menos importante. Há uma trajetória ficcional que se impõe. Diferindo do projeto inicial, utilizei, no desenvolvimento do texto, mais que apenas seu nome, embora a repetição quase histriônica de “Nelson Rodrigues” na boca de outros personagens funcione como um mote cômico. Aqui e ali, também, faço referências explícitas à sua obra. Ele permanece um jornalista. E, o que mais interessa para a narrativa, permanece um dramaturgo. Mas, não necessariamente um dramaturgo rodriguiano. Ainda não. Isto não passa, contudo, da mais descarada diversão. Só a diversão nos salva.

Há um personagem implícito nesta história, um elemento mais ‘brechtiano’, o “Texto”. Como se perceberá, eu sugiro que este personagem seja uma projeção. Como diretor e autor, me atrai a ideia que ler seja uma ação do espectador de teatro. Acho instigante. Entendo que essa lufada de racionalidade num texto que, como você verá, opta pela virulência das relações, pode conferir frieza à montagem. Contudo, como explanei em minha dissertação de mestrado “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”, disponível para download no site de repositório da Universidade Federal de Ouro Preto, o texto no papel e o texto proferido pela cena não duas entidades distintas. Encenadores que se detiverem sobre meu texto escrito, portanto, que tenham toda liberdade para, a partir dele, escreverem seus próprios textos. No caso do personagem “Texto” ele pode ser configurado como uma voz em *off*, interpretado por um ator ou uma atriz ou até ser suprimido da montagem. Não me sinto menos autor de um texto se a cena o transforma. A cena sempre transforma o texto.

Por fim, acho importante refletir que a contemporaneidade lida com maior rigor com temas tabu como incesto, estupro, tortura e gênero do que há algumas décadas atrás. Não porque esses temas já não fossem espinhosos quando Nelson Rodrigues surgiu imponente para o teatro e para a sociedade brasileira. Mas porque hoje se espera que a apresentação desses temas seja seguida de alternativas para dirimi-los ou solucioná-los. O que se poderia chamar de acirramento do ‘politicamente correto’ eu chamo de ‘maior senso crítico’, o que, pra mim, é decisivo para corrigirmos rumos sociais que se depuseram, como poeira, em nossa cultura. Entretanto, a obra teatral tem esse delicioso caráter efêmero, ela começa e acaba, ela morre. Sua reflexão, não. Ela ecoa, permanece. A reflexão de uma obra de teatro começa quando a obra termina. Isto não é uma ressalva à normalidade com que o texto descreve verdadeiras podridões dessa família típica. É que, pra mim, a ficção só dialoga intimamente com a realidade quando se desprende dela. Neste sentido, entendendo que a sociedade esteja preparada para distingui-las, eu acredito que, realmente, a ficção pode tudo. Teremos, portanto, muito a falar sobre “Nelson Rodrigues”. Tome aí sua xícara de café. Com açúcar?

Julliano Mendes *



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site www.jullianomendes.com. Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

Nelson Rodrigues

PERSONAGENS:

Canudo

Nelson Rodrigues

Irene

CENÁRIO:

Casa comum em que se distingue um banheiro, uma cozinha, uma sala de estar, o quarto de Irene e Nelson Rodrigues e o quarto de Canudo. Uma tela para projeção do texto.

1º ATO

Projeta-se o texto:

TEXTO - Este é o primeiro ato, onde as principais questões éticas serão apresentadas. Não se assuste com a contundência dos fatos, mas também não as reduza à mesquinharia de suas próprias relações. Tudo é forma. Forçando, de leve, os limites, cabe tudo nessa vida, as piores mazelas, as alegrias mais intensas. Tudo é ritmo. Os personagens aqui expostos são mais comuns do que se imagina, mas não se envolva com eles. Encare o teatro como um zoológico. Programa de fim de semana. Não sofra. Só a diversão nos salva. Você está preparado para a diversão?

Há um banheiro em cena. Canudo está no banheiro, de frente para um espelho, andando em saltos que não o sustentam, maquiagem tosca.

CANUDO - Tenho pouca memória de minha mãe. Eu era criança e ela me trocou por algumas pedras de crack. Mas parece que um pouco do rosto dela resiste na minha lembrança, acho que ela era parecida comigo, devia ser. Era? Caralho, será que a gente lembra ou a gente inventa? A memória é uma forma de criatividade? Puta que o pariu, a gente é tudo fodido, mesmo. Raça esculhambada, isso que a gente é. Só tem filho da puta nesse mundo. Eu queria morar num filme de efeito especial, ter um carro do tempo, voltar no meu futuro, descobrir em que ponto de minha própria história me perdi, porque esta que está aqui, esta casca esculhambada e podre, não sou eu. Será por isso que quando olho no espelho só vejo minha mãe? Eu sou minha mãe fumando pedra de crack. A veia do pescoço dela saltada, o sangue viscoso e escuro, o dente podre. “Canudo, você é a cara de sua mãe”... Porque você me deu, sua filha da puta? Me deixasse passar fome contigo, dormir na rua, comer o lixo do mundo e quem sabe eu seria mais feliz? Quem

sabe teria morrido logo? Morrer de fome deve ser mais bonito que essa bosta de vida de merda que eu levo nessa porcaria desse lugar estranho que é meu corpo. Eu não sou eu! Se eu fechar os olhos e ficar em silêncio e tentar não pensar em nada e não desejar nada, poderei ser feliz? Não! Você é um lixo, maltratam você porque você merece, Canudo. Olha pra você! É você ou é sua mãe ali? E se fosse sua mãe e você pudesse entrar no espelho e você entrasse e vasculhasse as coisas dela, o corpo, o quarto e lá num cantinho, enroladinho num pedaço de pano imundo, você encontrasse você, bebê, e pudesse enfim enxergar um pouco de ternura, porque quando dorme o bebê é todo ternura, e fosse você, todo ternura, e quando você saísse do espelho, saísse outra pessoa, outra pessoa, mas você, sim, Canudo, você, finalmente reconhecido e até te chamassem Geraldo, Canudo, ao cruzarem contigo na rua e parassem de te jogar pedras, gritar palavrões, parassem de cuspir em você, Canudo? Heim, Canudo? E se você pudesse ser feliz? Não, Canudo, sua besta, você não pode ser feliz. Ouviu? Filho da puta! Sabe por quê? Porque essa é sua função: comer a merda do mundo, te trouxeram pra cá pra isso. Você não entendeu, Canudo? Sua função é terem dó de você. “Coitado dele, gente. Tão fraquinho...” Chega, Canudo, você vai ter que renascer, fazer algo real, nada de representação. Entendeu, Canudo? Hoje você vai matar alguém? Eu vou matar alguém??? Sim, você vai matar alguém! Mas quem?

Nelson Rodrigues bate na porta.

NELSON RODRIGUES - Tem alguém aí?

CANUDO - Espera, tô terminando de me limpar.

NELSON RODRIGUES - Gosto de você suja.

CANUDO - Você é escroto, Nelson Rodrigues. O mais escroto de

todos!

NELSON RODRIGUES - Abre logo essa porta, senão eu...

CANUDO - Senão você o quê? Heim? Vai fazer o quê?

NELSON RODRIGUES - Senão eu defeco na calça!

CANUDO - Eu ia achar muito engraçado você todo cagado...

NELSON RODRIGUES - Que palhaçada é essa, Canudo? Perdeu o medo de mim?

CANUDO (para si) - Não, o pior é que não...

NELSON RODRIGUES - O quê?

CANUDO - Perdi! Perdi o medo de você, seu bosta. Caga na calça aí, seu merda. Um merda cagando outra. Eu vou rir até morrer!

NELSON RODRIGUES - Você vai morrer é das porradas que eu vou dar na sua cabeça. Tá esquecida, é?

CANUDO - Tenho uma arma aqui dentro!

NELSON RODRIGUES - Qual o calibre?

CANUDO - Tenho uma faca.

NELSON RODRIGUES - Eu não tenho medo de faca.

CANUDO - Enfio minha unha postiça no seu olho!

NELSON RODRIGUES - Você não tem dinheiro para unha postiça.

CANUDO - Cuspo no seu nome, vomito na sua cara, esqueço que você existiu!

NELSON RODRIGUES - Que saco, Canudo... Eu só tô querendo defecar!

CANUDO - Vai embora daqui!

NELSON RODRIGUES - O que é que tá acontecendo com você, Canudo? Abre essa porta, vai... Tá nervosinha hoje? Te faço um cafuné, você relaxa, que eu sei. Cheiro seu cangote. Daquele jeito que você gosta. Quer me humilhar? Eu aceito. Te peço por favor. Ouviu? Eu te peço: por favor, Canudo, abre essa porta...

CANUDO (para si) - Ele pediu por favor... Abro ou não? Se você abrir, Canudo, você estará fazendo mais uma vez o que ele quer... Mas eu tenho medo dele... Eu também.

NELSON RODRIGUES (esmurrando a porta) - Caramba, Canudo! Abre essa porta, agora!

CANUDO - Chega! Abro quando eu quiser. Não tô me limpando porra nenhuma, tô aqui parada em frente ao espelho falando sozinha. Você aí quase se borrando e eu aqui parada em frente ao espelho, pensando na minha mãe. Acredita? Não tô nem aí pra sua necessidade.

NELSON RODRIGUES - Você não sabe o que tá falando...

CANUDO - Não! Nunca soube, nunca. Mas agora eu sei, seu merda, seu cagão. Caga na calça, que eu vou gostar!

NELSON RODRIGUES - Eu vou matar você!

CANUDO - O quê?

NELSON RODRIGUES - Eu vou matar você, Canudo!

CANUDO - Você jura?

Pausa.

CANUDO - Você jura que me mata, Nelson Rodrigues?

Pausa.

NELSON RODRIGUES - Eu bato em você, Canudo. Humilho você, te trato como um lixo, mas te matar eu não mato, não.

CANUDO - Por quê?

NELSON RODRIGUES - Eu te peguei muito novo, te vi crescer, virar mulher, vivemos tanta coisa juntos, você é minha família, Canudo, toda minha família num corpo só: filho, filha, mãe, mulher...

CANUDO - Cagão!!! Cagão filho da puta!!!

NELSON RODRIGUES - Temos uma história juntos. Eu fiz você. Igual ao que vou fazer daqui a pouco.

CANUDO - Vá tomar no seu cu!!!

NELSON RODRIGUES - Não! Vou tomar no seu!

CANUDO - Não vai mais! Você nunca mais vai tomar no meu cu!!!

NELSON RODRIGUES - Tá bom. Nunca mais. Não vai me fazer a

menor falta. Corpo igual ao seu eu tenho de monte. E melhor. Embora eu deva confessar que você tem uma coisa melhor que qualquer outra. Sabe o que é? Você não gosta de sodomia, não é verdade? Arde? Isso me excita, sabia? Sua cara de dor. Você é uma coitada. Uma coitadinha que precisa fingir que gosta de sodomia. Meu membro é grosso. Você acha meu membro grosso, Canudo?

CANUDO - Seu pinto fede!

NELSON RODRIGUES - Você tem mais nojo ou mais medo de mim?

CANUDO - Tem diferença?

NELSON RODRIGUES - Tudo bem, faço a pergunta ao reverso: o que mais te atrai? O medo que você sente de mim ou o nojo?

CANUDO - O que mais me atrai é pensar você todo cagado jogado no chão do banheiro.

NELSON RODRIGUES - Não faz isso comigo...

CANUDO - Não faz isso comigo? Não acredito que você está me dizendo isso...

NELSON RODRIGUES - Por quê?

CANUDO - Porque a frase que mais disse para você é essa: não faz isso comigo...

NELSON RODRIGUES - Você tá chorando, Canudo!

CANUDO - Não, seu filho da puta. Tô rindo.

NELSON RODRIGUES - Rindo?

CANUDO (para si) - Por que, Canudo?

NELSON RODRIGUES - O quê?

CANUDO (para si) - Porque hoje eu vou matar esse filho da puta.

NELSON RODRIGUES - Não estou ouvindo.

CANUDO (para si) - Mas você tem coragem?

NELSON RODRIGUES - Fala mais alto, caramba!

CANUDO (para si) - Não, eu não tenho.

NELSON RODRIGUES - Vai ficar resmungando aí, Canudo?

CANUDO (para si) - Eu sabia.

NELSON RODRIGUES - Tenha a santa paciência, viu?

CANUDO (para si) - E você?

NELSON RODRIGUES - Você é ingrata. Vou sair pra defecar no banheiro do boteco e vou te odiar pra sempre por causa disso.

CANUDO (para si) - E você?

NELSON RODRIGUES - Poderia ter te odiado por um monte de coisas, por você não corresponder ao enorme bem que fiz quando te tirei daquele pardieiro e te trouxe pra um lar.

CANUDO (para si) - Você tem coragem de mata-lo, Canudo?

NELSON RODRIGUES - Te dei uma mãe. Eu salvei você, Canudo!

CANUDO (para si) - Eu tenho.

NELSON RODRIGUES - Salvei você de você mesma, Canudo!

Canudo abre a porta do banheiro

CANUDO - Você não me salvou porra nenhuma, seu bosta!

NELSON RODRIGUES - Te salvei e te destruirei!

Nelson Rodrigues investe violentamente pra cima de Canudo.

CANUDO - Espera! Me solta! Tá me machucando, seu puto de merda! Seu bosta! Ai!!! Mãe! Mãe!!!

Entra Irene com o avental todo sujo de ovo.

IRENE - O que foi, minha filha? Que é isso? Solta minha filha, Nelson Rodrigues!

Canudo se desvencilha e corre para os braços de Irene.

CANUDO - Ele quer me matar, mãe...

IRENE - Calma, minha menininha... Ele não vai fazer nada com você enquanto eu estiver aqui...

CANUDO - E quando você não estiver, mamãe?

NELSON RODRIGUES - Eu só quero defecar. De... fe...car. Você duas me dão licença, por favor?

Ele fecha a porta do banheiro e se senta na privada. Faz barulho, geme.

CANUDO - Porque você escolheu esse monstro, mãe?

IRENE - Não escolhi, minha querida. Nessa vida a gente não escolhe nada.

CANUDO - Ele me bateu, mãe...

IRENE - Ele me bate também, filha.

CANUDO - E porque você não faz nada?

IRENE - E o que você acha que eu deveria fazer, meu amor?

CANUDO - Mata ele, mãe.

IRENE - Fala baixo, minha filha. Que merda é essa. Você tá louca? Quem te ensinou isso. Toma! Vai apanhar por ficar falando besteira.

CANUDO - Ai, mãe...

IRENE - Pra você aprender, minha filhinha. Esse tipo de coisa não cabe nessa boquinha linda. Você sabe o quanto nossa vida foi difícil. Seu pai é um homem nervoso, mas é um homem bom.

CANUDO - Ele não é meu pai!

IRENE - E daí? Eu também não sou sua mãe...

CANUDO - O quê?

IRENE - Tá vendo? Falei besteira. Não sou sua mãe de sangue, mas você mora aqui dentro do meu coração. Deus te pôs aqui. Escuta aqui, ó! Tá escutando?

CANUDO - Adoro escutar seu coração, mãe...

IRENE - Tá mais calminha agora, meu doce?

CANUDO (para si) - Você está agitado, Canudo... Agitado e tenso.

IRENE - Até parece que foi ontem que você entrou por aquela porta com cara de rato. Você era raquítica e doente, eu tive dó de você. Sabe bebê com cara de ternura? Você não tinha nenhuma. Pensei: essa merdinha vai me odiar pra sempre. Rejeitei você por causa de sua cara. Foi seu pai quem insistiu. Insistiu que eu te amasse. Os dias foram passando e eu entendia que você era minha felicidade. Demorou um pouco, mas entendi o propósito de deus ao me enviar você: deus queria me salvar. Você me salvou, meu anjo. Devo a você minha vida. Eu vivia tentando engravidar, seu pai surgiu com você por aquela porta, virei outra pessoa. O que você está fazendo aí, bebê?

CANUDO - Quero mamar, mamãe...

IRENE - Mas você não está mais na idade de mamar...

CANUDO - Deixa eu mamar, mamãe...

IRENE - Seu pai vive dizendo que preciso desmamar você.

Canudo começa a chorar como um bebê. Irene dá-lhe o peito.

IRENE - Toma aqui, sua gulosa. Quer mamar? Mama! Pra que, afinal, foram feitas as mães? Somos fábricas de leite. Esse milagre de

eu ter começado a dar leite sem ter parido é o sinal mais poderoso de deus em minha vida. Aceito seu poder sobre mim, meu deus, meu pai milagroso e misterioso. Aceito. Ai! Filha da puta, morder não pode, não!

Canudo resmunga e retoma o peito.

IRENE (CANTANDO)

Dorme, filha
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços
Dorme como se fosse morta
Dorme, filha
dentro dos meus pecados
salva-me do pecado
e me faça melhor
Dorme como se fosse morta
Dorme, filha
dentro de minha fraqueza
aquece minha força
e me faça mais forte
Dorme como se fosse morta
Dorme, filha
dentro do meu coração
come meu coração
e me entrega os pedaços

Irene percebe que Canudo tem uma ereção.

IRENE - Que é isso, filha?

CANUDO - Meu pinto mãe...

IRENE - Tá duro?

CANUDO - Eu sou menino, mãe.

IRENE - Para com isso, porra. Você é uma linda menina e eu sou sua mãe!

CANUDO - Você não é minha mãe!

Irene joga Canudo no chão.

IRENE - O que é que eu sou, heim?

CANUDO - Você é uma mulher. Eu sou um homem.

IRENE - Que merda é essa? Quem enfiou isso na sua cabeça? Foi a Glorinha?

CANUDO - Foi a Glorinha. A senhora saiu e ela ficou me olhando de rabo de olho quando eu tava mijando. Eu percebi. Aí levantei da privada e não subi a calcinha. Cheguei perto dela. Ela falou que meu pinto era bonito. Aí ele ficou duro na hora. Mas, ao contrário da senhora, ela gostou. Se ajoelhou em minha frente e colocou a boca nele. Eu achei bom, ela começou a rir, eu fiquei nervoso e fiz um movimento mais brusco, ela vomitou, mamãe. Glorinha vomitou no banheiro.

IRENE - Glorinha vomitou no banheiro?

CANUDO - Vomitou, mamãe. Nós rimos juntos, ela limpou o chão, a senhora chegou.

IRENE - Eu vou matar a Glorinha...

CANUDO - Pode matar, mãe, não tô nem aí. Não é dela que eu gosto de verdade.

IRENE - A culpa é sempre da empregada doméstica...

CANUDO (para si) - Agora ela pergunta de quem é que eu gosto de verdade.

Tempo.

CANUDO - Não vai perguntar de quem é que eu gosto de verdade, mãe?

IRENE - Não! Não vou perguntar essa merda! E você não vai responder, entendeu, filha? Se eu não perguntar você não vai responder!

CANUDO - Você tem medo de mim, mãe?

IRENE - Só tenho medo de deus, menina. De deus e de mim mesma.

CANUDO - Você tem medo de si mesma?

IRENE - Tenho. Morro de medo de mim mesma. Porque mora um bicho dentro de mim. Um bicho domesticado, engaiolado, adestrado. Mas bicho é bicho. Haverá um dia em que o botarei pra fora. E, nesse, dia, eu teria medo de ser minha filha ou meu marido.

CANUDO - Bota esse filho pra fora, mãe. Me mostra seu bicho.

IRENE - Eu não posso. Não assim.

CANUDO - Eu te ajudo a botar seu bicho pra fora, mãe. Igual eu botei pra fora o vômito de Glorinha...

IRENE - Sua porquinha! Isso é coisa de se propor pra sua mãe?

CANUDO - Você não é minha mãe!

IRENE - Eu sou sua mãe, menina!

CANUDO - Eu não sou menina! Eu sou menino!

IRENE (sussurrando) - Quer que eu conte pra seu pai que você tá falando de novo que é menino?

CANUDO (sussurrando) - Não, pelo amor de deus, não conta.

IRENE - Quer que seu pai te mostre de novo que você é menina?

CANUDO - De novo, não. Não aguento mais. Tudo menos isso.

IRENE - Então, repete comigo: eu sou mulher.

Tempo. Irene dá um tapa na cara de Canudo.

IRENE - Eu sou mulher.

CANUDO - Eu sou mulher.

IRENE - Mulherzinha.

CANUDO - Mulherzinha.

IRENE - Mulherzinha sem vergonha...

CANUDO - Mulherzinha sem vergonha.

IRENE - Agora, escuta aqui, sua mulherzinha sem vergonha: estou

cansada. Foram anos tentando fazer o que é melhor pra você.

CANUDO - E o que é melhor pra mim?

Outro tapa na cara.

IRENE - Cala a boca e escuta! Isso, levanta a cara, olha pra mim. Isso. Escuta: você é o que eu quero que você seja. Entendeu? Ó! Quando você fica assim, com medo e com raiva, você ainda tem cara de rata. Uma ratinha vagabunda. Entendeu?

CANUDO - Eu gosto quando você me bate, sabia?

IRENE - O quê?

CANUDO - Dá um tesão, mãe. Sua mão é pesada e grossa. Tem cheiro de fritura.

IRENE - Nelson Rodrigues!

CANUDO (para si) - Você sabia que ia terminar assim, Canudo, não sabia?

NELSON RODRIGUES (do banheiro) - O que foi, meu bem?

CANUDO (para si) - Você fala demais, Canudo.

Tempo.

IRENE - Nada não...

CANUDO (para si) - Não resisto a mim mesmo...

Tempo.

IRENE - Viu, como fui boa pra você, filha? Você não pediu, mas eu não contei para seu pai. Não contei, sabe por quê? Porque eu não quis. Porque você é minha filhinha. Agora, vá pra seu quarto e reza, reza muito, pra ver se lava seu pensamento vagabundo, pensamento torto. Vá pra seu quarto, sua putinha e só saia de lá quando eu mandar, entendeu?

Canudo vai para seu quarto e se tranca. Durante o próximo texto, vai se masturbar. Nelson Rodrigues continua agando, mas agora com dor. Irene está sozinha.

IRENE - Deus, todo poderoso, ajuda minha família que vive à beira da loucura. Deixa a gente ser simples! Eu sou uma mulher temente a ti, eu mereço alguma luz, meu deus, pai eterno, misericordioso, estou presa num labirinto que eu mesma teci. Me salva dele, meu deus. Rezo cinco vezes por dia, me arrependo de todos os pensamentos indecentes que me atravessam. Ó: essas marcas de unha que trago na perna eu que faço, porque sou fraca, mas quero ser forte, e sofro como uma criança quando se machuca, eu sou criança, meu deus, me perdoa, me ajuda a perdoar a mim mesma. Mas aí tudo recomeça, eu sonho contigo de camisa de linho dentro do meu quarto, olhando pra fora, janela aberta, e eu te chamo pelo nome, e você não me escuta, e eu me aproximo de ti na pontinha dos pés para não fazer barulho, porque assim, de pé, olhando pra fora, a torsão de seu pescoço em oposição a seus pés fincados no chão como raiz transformam você numa estátua de mármore, e eu te acho lindo, maior que todos os outros, e eu acordo úmida. Úmida de ti e novamente me arrependo, sou a mais culpada das mulheres, e recomeço a oração, agora tenho vontade de que algo me doa, de que eu sangre em seu nome, porque todo pensamento é pecado, e todo pecado corrompe. E eu solto um gemido quase mudo, mas alto o suficiente pra que você olhe pra trás, e só agora percebo que você tem a cara de meu pai, a mesma barba rala e embranquecida, e um charme que reflete toda sua altivez, e eu,

pequena demais para toda sua virtude, escancarou a porta da sala, saiu correndo de casa, peço socorro na rua, sou a menina pelada que foge da bomba, meu corpo é o lar de minha vergonha maior, desejo de te ter como homem, suado dessa eternidade que não te cabe, destituído de glória e poder, apequenado... Falo de ti, meu deus, ou de meu pai? Já não sei... Meu pai vestido de deus! Você me queria sua filhinha de fantoche, né? Queria que eu casasse com um homem mais velho que só me comeria no escuro, não é, senhor Almeida? Queria, pra mim, um marido de pinto pequeno? Engenheiro, médico ou advogado, não é? Temente a deus sobre todas as coisas. Que babasse seu ovo na firma. Você já tinha até escolhido, não tinha? O Edgar. Ele me olhava com pudor. O pudor é a pior merda do mundo. Só olha com pudor quem quer destruir a vida do outro. O Edgar me olhava com pudor. O que é que você queria, senhor Almeida? Me vender pro Edgar? Igual uma putinha submissa? Era isso que o senhor queria? Mas aí me aparece esse homem com cara de macho e me salva de você! Eu via, eu juro: ele apareceu montado num cavalo branco e o pinto dele era bem maior que o seu. Mais grosso. E eu sentei nele como égua. Sua filhinha virou uma cavala, meu pai. Você queria que eu fosse professora, não queria? Virei mulher de malandro. Nelson Rodrigues me salvou de você, papai! Mas aí eu senti culpa. Era meu pai ou era deus? Quem era? Era eu? Sou eu? Aquela mulher que hoje parece pelo menos vinte anos mais velha do que é? Que vomita verdades bíblicas como se fosse Glorinha gorfando no caralho de minha filhinha? Porque você me fez temente a ti, meu deus? Porque você existiu pra mim? Quem sou eu pra ti? Essa carola do caralho? Essa carola do caralho sou eu? Ou eu sou uma atriz que a interpreta? Quanto tempo vou ficar interpretando essa mulher sem que me vire um tumor? Câncer de fígado? Eu não quero morrer de câncer, meu deus... Tinha um caroço no meu peito, eu acho que tinha, hoje não achei mais, mas tá lá, vivo, mais vivo que eu. Só não sei onde. E você, meu deus, meu pai, tá onde? Tá onde?

Nelson Rodrigues terminou de cagar e abre a porta do banheiro.

NELSON RODRIGUES - Você deveria rezar menos...

IRENE - E você, mais.

NELSON RODRIGUES - Pra quê?

IRENE - Hoje, falei pra nossa filha que você era um homem bom.

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom.

IRENE - Te conheço.

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom, Irene.

IRENE - Deveria ter dito isso pro meu pai.

NELSON RODRIGUES - Que merda é essa agora? Não te disse pra nunca mais falar do Almeida dentro dessa casa?

IRENE - Você não percebe, mas eu percebo, agora eu percebo: meu pai era um homem bom.

NELSON RODRIGUES - Cala a boca, Irene. Você não sabe do que está falando.

IRENE - Quando ele morreu você me proibiu de ir velar seu corpo. Nem sei se o rosto de que me lembro é o rosto dele ou é quase o seu, Nelson Rodrigues...

NELSON RODRIGUES - Não me compare ao Almeida.

IRENE - Almeida era um homem bom.

NELSON RODRIGUES - Eu sou melhor que o Almeida!

IRENE - Você me tirou dele, apertou o seu pescoço, cuspiu na sua cara, o chamou de bosta dentro da casa dele, ouviu? Dentro da casa dele, na frente da minha mãe e sabe o que ele fez? Não fez nada.

NELSON RODRIGUES - Não fez nada porque era covarde, Irene...

IRENE - Não! Não fez nada porque era um santo. Só um santo aceita ser humilhado.

NELSON RODRIGUES - Almeida era um crápula.

IRENE - Muitos santos são.

NELSON RODRIGUES - Deixa de ser burra, Irene. Almeida era um monstro. Um crápula e um monstro.

IRENE - Monstro é você, entendeu?

NELSON RODRIGUES - Sabe por que eu tirei você de casa, Irene?

IRENE - Porque você queria destruir a vida de meu pai. Você sabia que eu era a coisa que ele mais amava...

NELSON RODRIGUES - Você era a coisa que Almeida mais amava, mesmo. Amava demais. Ele dizia: essa menina... é a coisa... mais linda... desse mundo. Dizia e fazia umas caras estranhas, eu não conseguia decifrar o seu pensamento. Ele esfregava uma mão na outra quando falava de você. Até o dia em que eu vi. Nunca ninguém teve tanta intimidade quanto Almeida e eu. Nem sua mãe teve tanta intimidade com Almeida quanto eu. Quando viajávamos, pagávamos dois quartos de hotel, mas dormíamos juntos.

IRENE - Você e meu pai...

NELSON RODRIGUES - Não! Nunca. Mulher não pode entender de intimidade. Só um homem pode. Porque nossa intimidade é exposta, é pra fora. A de vocês é pra dentro. E foi isso: um dia estávamos tomando banho juntos quando Almeida começou a falar de você, do formato de seu corpo, da cor de seus cabelos. Começou a falar e... a intimidade dele... a intimidade dele começou a crescer... falava e ela crescia... e ele começou a manipular a intimidade dele... na minha frente. Ali eu entendi, Irene. Ele te amava demais. Mais do que tudo. Ele te queria pra ele. Tive nojo dele, tive raiva, mas pensei: preciso salvar essa menina.

IRENE - Eu já não era menina...

NELSON RODRIGUES - Mas pra ele era sempre menina, entende?

IRENE - Você mente.

NELSON RODRIGUES - Seria melhor que eu mentisse, mesmo. Mas não.

IRENE - Você impediu que meu pai me currasse para você me currar?

NELSON RODRIGUES - Você ficava deitada na cama, dormia cedo e eu pensava: Almeida tem razão. Aí pensava: ela não é minha filha. Você sabe o que eu fiz, não sabe?

IRENE - Você me currou!

NELSON RODRIGUES - Depois casei com você!

IRENE - Você se casou comigo porque teve dó de mim?

NELSON RODRIGUES - Me casei contigo porque eu sou um homem bom!

IRENE - Se casou comigo porque amava meu pai!

NELSON RODRIGUES - Cala sua boca, Irene!

IRENE - Vai me bater, homem bom?

NELSON RODRIGUES - É isto que você quer, né?

IRENE - Você já me amou algum dia?

NELSON RODRIGUES - Você?

IRENE - Quando você foi na minha casa, bateu no meu pai e me trouxe pra cá, eu achei que você era meu príncipe encantando. Pensei: meu pai me sufoca, Nelson Rodrigues me faz respiração boca a boca, eu respiro. Aí eu disse: sim. Disse pro padre, pro juiz. Eu disse: sim. Virei sua dona de casa, lavei suas cuecas! Eu lavei suas cuecas a mão! Porque te amei verdadeiramente. Só lava as cuecas a mão de quem se ama. Pensava: preciso ter uma filha de Nelson Rodrigues. Você ia chegar do trabalho, eu me lavava. Me lavava com todo cuidado para você. Mas na hora de se deitar comigo você apagava a luz. Eu queria acender, te mostrar como estava limpa pra você, mas não tinha coragem. Agora eu sei: você apagava a luz pra imaginar que estava se deitando com meu pai.

NELSON RODRIGUES - Você nunca gozou.

IRENE - Eu estou certa?

NELSON RODRIGUES - Sempre fiz tudo o que você quis, minha querida. Tudo o que você me pediu, eu te dei. Até hoje. Nosso ca-

samento era perfeito. É perfeito. Só não me peça pra ser honesto, Irene. Na honestidade, nada se sustenta.

IRENE - Seja desonesto, mas não seja estúpido. Nem tudo o que eu queria você me deu. Eu queria uma menina fruto de meu ventre. É tudo o que eu mais queria na vida. Eu pensava: minha menina vai me melhorar. Eu queria uma menina pra renascer nela.

NELSON RODRIGUES - Mas eu tentei, você sabe disso. No seu período fértil eu chegava cansado e você me obrigava a ejacular dentro de você. E até que viesse seu próximo período eram os piores dias da minha vida, ver na sua cara aquela esperança miúda.

IRENE - Não era miúda, seu cretino! Era franca!

NELSON RODRIGUES - Era boba, miúda e eu ria de você. Fechava a porta do quarto e ria. Porque muito cedo eu entendi que você era não poderia ter filhos.

IRENE - Não fala assim...

NELSON RODRIGUES - Era ridícula aquela esperança saltada na sua cara. Você precisava se ver. Aquele espelho do banheiro, sabe? Eu comprei por causa disso.

IRENE - E você se acha um homem bom?

NELSON RODRIGUES - Você ficava sentada horas em frente ao espelho, você não conseguia nem chorar. Sabe o que um homem mau faria, Irene?

IRENE - Fecharia a porta do quarto e começaria a rir?

NELSON RODRIGUES - Não, Irene. Arrumaria uma amante. Alguém próximo. Uma cunhada. Uma empregada...

IRENE - Glorinha?

NELSON RODRIGUES - Sempre achei a Glorinha interessante.

IRENE - A mais canalha de todos é a Glorinha!

NELSON RODRIGUES - Mas, não. Nunca forcei nada. Só olhava e pensava. Toda empregada doméstica é interessante. Mas resisti. Sabe por que, Irene? Porque eu sou um homem bom.

IRENE - Você é um bosta!

NELSON RODRIGUES - Ao invés de me deitar com Glorinha, você sabe o que eu fiz? Vi aquela mulher decrépita na rua e comprei o filho dela pra você. Eu comprei Canudo pra você, Irene!

IRENE - Você comprou?

NELSON RODRIGUES - Só um homem bom compraria.

IRENE - E porque você não disse isso antes?

NELSON RODRIGUES - Porque a honestidade é quase imoral.

IRENE - Você é um monstro!

NELSON RODRIGUES - Foi você que evocou a honestidade.

IRENE - Você, Nelson Rodrigues, é o pior ser humano que já pisou na face da terra!

NELSON RODRIGUES - E você, Irene, é o quê? Essa Carola que reza salve rainha uma vez por dia pensa que é o quê? Uma santa?

IRENE - Deus sabe o que tive que suportar nessa vida...

NELSON RODRIGUES - Deus? Se Deus existe, ele vai condenar você!

IRENE - Ninguém aqui se salva! Você não é um homem bom!

NELSON RODRIGUES - Ninguém é mais calhorda do que você!

IRENE - Mentira!

NELSON RODRIGUES - Quando eu trouxe Canudo pra cá, ainda bebê, era um menino. Um menino feio com cara de rato, mas era um menino.

IRENE - Mentira!

NELSON RODRIGUES - Foi você que vestiu uma calcinha nele e gostou. Depois começou a vesti-lo com roupas de menina e a chama-lo de filha, filhinha.

IRENE - Fala baixo que ela pode escutar...

NELSON RODRIGUES - Depois quando ele começou a crescer e percebeu que tinha alguma coisa errada, você começou a força-lo, colocava vestidinho nele e se ele tirasse, apanhava. Você batia nele com a mão aberta, lembra? Eu lembro. Aí na escola começaram a rir dele, você tirou ele da escola...

IRENE - Ela! Canudo é menina!!!

NELSON RODRIGUES - E ele continuava a crescer e sua maldade também. Riam dele na rua. Ele chorava, você batia nele.

IRENE - Nela!

NELSON RODRIGUES - Nele! Nela! Nele! Nela! Aí as torturas: choque elétrico, privação de comida, você chegou a acorrentá-lo na pilastra do porão. Tudo para que ele virasse ela. Sabe por que, carola? Porque você queria ter uma menininha!

IRENE - Fala baixo, pelo amor de deus...

Canudo surge na porta.

CANUDO - Não precisa falar baixo, Nelson Rodrigues. Pode gritar. A menininha está aqui.

2º ATO

TEXTO - É tamanha a intensidade deste momento dramático que, para não turvar seus sentidos, espectador, será feita uma divisão de atos. Perdão se, por imposição de um método mais cartesiano, interrompe-se a sua emoção. É que a emoção perverte a percepção, e é necessário que você permaneça coerente para os fatos que se seguem. Considera-se que você já conheça o suficiente de cada um desses personagens para que não se surpreenda mais com nenhum dos rumos desta inflamada história. Olhe à sua volta e perceba que quase nunca se cobra da realidade a coerência que se espera da ficção. O que mais te mobiliza, aliás, a sua vida ou a ficção?

Pequena pausa.

IRENE - Minha filha, filhinha, você ouviu as mentiras que esse desgraçado falou?

CANUDO - Você tinha me dito que ele era um homem bom.

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom.

IRENE - Ele é um filho da puta!!!

CANUDO - E você, mãe?

NELSON RODRIGUES - Não tem ninguém melhor que eu aqui.

IRENE - Eu o quê?

CANUDO - Você é uma boa mulher?

NELSON RODRIGUES - Você não escutou o que eu disse antes, seu

asno?

IRENE - Não fale assim com a minha filha!

CANUDO - Só quem pode me maltratar é você, né, mãe?

IRENE - Eu só quero o seu bem, meu amor...

NELSON RODRIGUES - Eu também posso te maltratar.

CANUDO (para si) - Eu também posso te maltratar, Canudo...

NELSON RODRIGUES - Não posso?

IRENE - Você é a coisa mais importante pra mim...

CANUDO - Coisa?

NELSON RODRIGUES - Coisa!

IRENE - Desculpe, meu amor. A pessoa...

CANUDO (para si) - Ela está certa, Canudo...

NELSON RODRIGUES - Coisinha bonitinha do pai...

CANUDO (para si) - Você é uma coisa!

IRENE - Para de implicar com a menina!

NELSON RODRIGUES - Não implico com a menina...

IRENE - Vem cá, meu amor.

NELSON RODRIGUES - A menina que me tira do sério.

CANUDO - Eu não sou uma coisa, mãe...

NELSON RODRIGUES - Ela não é sua mãe!

IRENE - Não, filha...

CANUDO - Me solta mãe...

IRENE - Sai daqui, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - Saiam vocês!

CANUDO - Eu não tenho medo dele!

NELSON RODRIGUES - Essa casa é minha!

IRENE - Ele é um monstro, filha!

CANUDO - Eu não tenho medo de monstros, mãe!

NELSON RODRIGUES - Tudo aqui dentro é meu.

IRENE - Eu tenho medo por você, minha filha...

CANUDO - Eu não sou seu, seu merda!

NELSON RODRIGUES - Não me chama de merda...

IRENE - Tira a mão de minha filha!

CANUDO - Eu não sou sua filha!

NELSON - Até que enfim um pouco de sanidade...

IRENE - Cala sua boca, filha.

CANUDO - Me escuta uma vez na vida, Irene!

NELSON RODRIGUES - Deixa ele falar!

IRENE - Não, filha, não fala nada...

CANUDO (para si) - Ninguém te escuta, Canudo...

NELSON RODRIGUES - Essa mulher destruiu você!

IRENE - As palavras tem poder, meu amor.

NELSON RODRIGUES - Você virou uma casca de mulher nesse corpo de homem.

CANUDO (para si) - Você não é uma coisa...

IRENE - Só quero que você saiba de uma coisa...

NELSON RODRIGUES - Você é um cadáver se si mesmo, Canudo!

CANUDO (para si) - Uma coisa...

IRENE - Haja o que houver...

NELSON RODRIGUES - Um cadáver de si mesmo!

IRENE - Aconteça o que acontecer...

NELSON RODRIGUES - Você é...

IRENE - Quero que você saiba...

NELSON RODRIGUES - ... uma coisa, Canudo!

IRENE - ... que eu amo você.

Irene e Canudo se beijam com ternura. Nelson Rodrigues fica atônito. Desvencilham-se.

CANUDO - Mãe?

NELSON RODRIGUES - Você nunca me beijou com ternura...

IRENE - Não existe ternura entre homem e mulher.

CANUDO - Existe, mãe...

IRENE - Só há ternura possível entre mãe e filha...

NELSON RODRIGUES - E entre pai e filha?

CANUDO (para si) - Ela beijou a sua boca, Canudo...

IRENE - Não se fala mais do meu pai nesta casa!

NELSON RODRIGUES - Falo o que eu quiser!

CANUDO (para si) - Nada é mais indecente que um beijo na boca...

NELSON RODRIGUES - A casa é minha!

IRENE - Há ternura entre pai e filha, sim!

NELSON RODRIGUES - Você é uma burra!

CANUDO (para si) - No exato momento em que nossos lábios se tocaram...

NELSON RODRIGUES - O que Almeida queria contigo era o contrário da ternura!

IRENE - Para de me chamar de burra!

CANUDO (para si) - ... você deixou de ser o que nunca foi...

NELSON RODRIGUES - Burra! Burra demais!

CANUDO (para si) - Minha mãe.

IRENE - Você não entende nada de ternura, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - O Almeida queria currar você!

CANUDO (para si) - Por que ela beijou sua boca, Canudo?

CANUDO - Porque você beijou minha boca, Irene?

NELSON RODRIGUES - Seu pai era o mais podre de todos!

CANUDO - O beijo na boca é a morte da ternura.

IRENE - Beijo entre mãe e filha pode. Até na boca!

CANUDO - Tudo o que acontece de ruim entre homem e mulher começa com um beijo...

NELSON RODRIGUES - Você não é homem, Canudo!

IRENE - Meu pai nunca me beijou na boca.

NELSON RODRIGUES - Nem homem, nem mulher!

CANUDO - Sou o quê, então, Nelson Rodrigues!

IRENE - Se meu pai tivesse me beijado na boca...

NELSON RODRIGUES - Já disse, Canudo!

IRENE - ...tudo teria sido diferente.

NELSON RODRIGUES - Você é um cadáver se si mesmo!

CANUDO - Não, mãe. Não fala assim. Se tudo fosse diferente eu não estaria aqui.

IRENE - Chega, minha filha!

CANUDO - Chega de quê, mãe?

NELSON RODRIGUES - Eu também...

IRENE - Dessa falsidade podre.

NELSON RODRIGUES - ... sou um cadáver de mim mesmo.

IRENE - Desse teatro.

NELSON RODRIGUES - Você está preparado para a honestidade, Canudo?

CANUDO - Estou. Estou mãe. Concordo. Chega desse teatro.

NELSON RODRIGUES - Mentira, ninguém está preparado para a honestidade.

IRENE - Chega desse teatro!

CANUDO - Você está, Nelson Rodrigues? Preparado para ser honesto?

NELSON RODRIGUES - Posso chorar aqui na sua frente, Canudo, espernear, debater-me comigo mesmo, furar meus olhos e você nunca saberá se estou sendo honesto.

CANUDO - Covarde!

IRENE - Deixa pra lá, filha. Não perca seu tempo com ele. Ele não merece.

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom!

IRENE - Você é um merda!!!

CANUDO - Um bosta!!!

NELSON RODRIGUES - Você é ingrata, Irene. Burra e ingrata, porque as torpezas que fiz, a maioria das torpezas que fiz, eu fiz por você!

CANUDO - Porque será que tenho a sensação que você está sendo honesto?

IRENE - Porque você é burra, filha! Porque eu sou burra, filha! Porque Nelson Rodrigues entorpece a gente!

NELSON RODRIGUES - Eu te trouxe esse menino, parecia um rato.

Eu tenho certeza: você teve nojo dele.

CANUDO - Você teve nojo de mim, mãe?

IRENE - Mentira, filha. Te amei desde a primeira vez que te vi.

NELSON RODRIGUES - Não foi você que propôs a honestidade, Irene?

CANUDO - Você teve nojo de mim, Irene?

NELSON RODRIGUES - Teve, eu vi na cara dela. Sabe quando você entra no banheiro da rodoviária e tem excremento na privada?

IRENE - Eu queria muito uma menina, filha!

CANUDO - Eu não era menina!

IRENE - Não era, eu admito! Era um menino com cara de rato. Sem ternura nenhuma. Senti dó de você.

CANUDO (para si) - Tapa os ouvidos, Canudo...

NELSON RODRIGUES - E nojo.

IRENE - Nojo e dó e raiva e medo e tristeza... Você só chorava, eu também.

CANUDO (para si) - Sai por aquela porta correndo, grita, Canudo!

IRENE - Aí você fez xixi, filha. Você fez xixi e eu precisava trocar você, mas eu queria tanto ter uma menina que já tinha até um enxoval, um enxoval delicado e rosa, um enxoval de menina.

CANUDO (para si) - E, se ela estiver certa, Canudo?

IRENE - Quando vesti a calcinha em você eu não senti mais nojo, nem raiva. Pensei: minha menininha... Minha menininha linda e frágil, não é mais um rato, é uma menina.

CANUDO (para si) - E se você ainda for aquela menininha de calcinha?

IRENE - Aí você dormiu. Dormiu vestida de menininha, a ternura se apresentou pra mim. Eu tive certeza, deus falou através de seu soninho que eu estava certa, foi um milagre.

CANUDO (para si) - Se você fosse a menininha de calcinha, você seria feliz?

IRENE - Olha aqui ó, é leite! Meu leite é deus falando de dentro do meu peito, meu amor!

NELSON RODRIGUES - Em nome de deus se cometem as maiores imundices.

IRENE - Aí você cresceu... Você não queria vestir as roupas que eu tinha comprado pra você, você queria voltar a ser aquele ratinho que seu pai tinha trazido pra mim. Eu proibi você, bati em você, torturei você, você era forte, eu era mais. Apresentei pra você o pior de mim, mas era o melhor, entende?

NELSON RODRIGUES - Não seja covarde, Irene. Você é a pior de nós!

CANUDO (para si) - Você é uma menininha de calcinha, Canudo...

IRENE - E você, Nelson Rodrigues! O que você fez com ela?

NELSON RODRIGUES - Fiz por você!

IRENE - Eu não te pedi!

NELSON RODRIGUES - Mas não me impediu!

IRENE - A culpa é só sua, covarde!

NELSON RODRIGUES - Eu não aguentava mais! Você gritava, chorava, pedia. Ele gritava, chorava, pedia. Era um inferno. Canudo foi crescendo e as roupas permaneciam roupas de menina, não eram roupas de mulher. Um dia acordei e o vi deitado no quarto, o cobertor jogado no chão, estava calor. Você estava com a cara inchada, tinha chorado, olhou pra mim e disse que aquilo era um inferno. O cobertor estava caído no chão. Eu te falei: “você quer uma menina, vou te dar uma menina”. Entrei no quarto, mas não fechei a porta, ouviu? Eu não fechei a porta!

CANUDO (para si) - Você não é uma menininha de calcinha, Canudo...

IRENE - Você não fez isso por mim, seu putolo!

NELSON RODRIGUES - Foi! Só por você! Eu sou um homem bom!

IRENE - Você não fechou a porta. Eu me lembro de tudo, parecia um filme. Minha filha chorava, fechou os olhos. Você ria, eu vi, ria e gostava, empurrando a cabeça dela no colchão, ela sufocava. Ela nem conseguia gritar direito. Quando acabou, você saiu do quarto triunfante. Saiu do quarto e me disse:

NELSON RODRIGUES - Eis a sua menina...

CANUDO (para si) - Você é uma menina!

IRENE - Eu entrei no quarto, chorei com você, minha filha, mas me resignei. Preferi pensar que minha menininha tinha sangrado.

NELSON RODRIGUES - Você definitivamente é a mais canalha de todos nós!

CANUDO (para si) - Eu não sou!

IRENE - Todos nós somos canalhas, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - Mentira, Irene. Encaremos a face mais crua da honestidade: Nós somos dois canalhas. Eu e você, Irene. Merecemos a escória do mundo. Um canalha casado com a outra. Nosso casamento é um encontro de almas. Almas podres! Mas, Canudo, não. Canudo aguentou de pé as maiores mazelas a que um ser humano pode sujeitar-se. Ele passou provações piores que as de Jó. E aqui está ele, de pé, cheio de si. Canudo é santo, Irene. O único santo em que acredito.

IRENE - Perdão, eu te peço meu filho, aqui, ajoelhada a seus pés, manchada com o sangue de seus dias, eu te peço perdão. Eu te quis menina, você não é menina. Você é menino, Canudo, você é homem, Canudo!

CANUDO - Eu te amo, Irene!

NELSON RODRIGUES - O quê?

CANUDO - Te amo, mas não como mãe...

IRENE - Cala a boca, Canudo!

NELSON RODRIGUES - Deixa que ele fale. Ele também tem direito à honestidade!

IRENE - Não! Não fala! Você é menina, mesmo! Menina calada!
Menina calada!

CANUDO - Você me batia, mãe, me escorraçava e sabe o quê? Eu gostava. Quando você ficava brava você tinha cheiro de bicho. No começo eu sofria, mas depois, depois eu acho que foi quase uma defesa natural, eu percebi que era impossível resistir. Rapidamente eu comecei a gostar. Eu ainda era criança? Teve uma vez que você me bateu e era natal. Eu rezava e pensava: minha mãe é meu presente de papai Noel. Ficou uma marca bonita na minha coxa. Parecia uma flor. Eu cresci, mãe, virei homem, virei mulher, eu podia ter ido embora, mas não fui. Não fui porque te amo, mãe. Não fui porque te amo, Irene!

NELSON RODRIGUES - Somos todos canalhas.

CANUDO - Para com esse pudor intelectual! Pudor babaca. Nós não somos canalhas. Canalhas é pouco. Canalhas é quase um elogio pra gente. Somos três filhos da puta! Fala um palavrão, Nelson Rodrigues. Fala um palavrão uma vez na vida!

NELSON RODRIGUES - Somos...

CANUDO - Fala, porra!

NELSON RODRIGUES - Somos três...

CANUDO - Covarde!

NELSON RODRIGUES - Somos três filhos da puta!

CANUDO - Repete.

NELSON RODRIGUES - Três filhos da puta!!!

CANUDO - Mentira! Nem quando repete você é autêntico. Você é o mais filho da puta de todos nós. Você é que nos fez filhos da puta. Você é a fábrica de filhos da puta!

NELSON RODRIGUES - Sou a fábrica de filhos da puta...

CANUDO - Você me conduziu feito cachorro ao fundo do poço. Minha mãe me espancava com amor. Você me fodia com raiva.

NELSON RODRIGUES - Sou uma fábrica de filhos da puta!

CANUDO - Eu sei o que essa raiva significava!

IRENE - O quê?

NELSON RODRIGUES - Chega! Há um limite para a honestidade!

CANUDO - Mas até essa raiva foi importante pra mim, porque acuado por sua violência, eu pensava: se pra ser mulher, preciso servir a escroques como esse, eu não quero ser mulher. Um mundo de mulheres devotadas a homens piores que você. Você me violentava e eu pensava: não quero ser mulher para servi-lo, quero ser homem para desafiá-lo. Você me comia, mas quem era forte era eu. Cada vez que você me violentou você me fortaleceu.

IRENE - Ninguém é forte aqui, minha filha... meu filho... Somos todos fracos, você não percebe?

CANUDO - Eu sou forte, mãe. Forte pra caralho.

NELSON RODRIGUES - Canudo é o mais forte de nós...

CANUDO - Eu não preciso de sua cumplicidade.

IRENE - Mas eu preciso da sua, minha filha...

CANUDO - Eu sou homem, Irene!

IRENE - Não se cobra razão de uma mãe.

NELSON RODRIGUES - Você não é mãe dele!

CANUDO - Você não é minha mãe!

IRENE - Deixa que eu seja, por favor. Finge que isto aqui é um filme e que neste filme eu sou sua mãe. Sou uma estrela de cinema, de cinema americano. E você é minha filha, estamos limitados por uma imensa parede invisível que nos torna imensos. Ali uma plateia assiste, estupefata, nossos dramas, chegam a esquecer-se que, após o fim, voltaremos para nossas casas como se nada tivesse acontecido, cheios de vaidade e paz.

CANUDO (para si) - Foge dessa violência enquanto é tempo, Canudo...

NELSON RODRIGUES - Toda imaginação é babaca.

IRENE - Babaca é você. Não percebe que a nossa única salvação possível é na falsidade?

NELSON RODRIGUES - Eu não preciso de salvação!

IRENE - Mas eu preciso!

NELSON RODRIGUES - Deixa de ser burra, Irene!

CANUDO - Não chama minha mãe de burra!

NELSON RODRIGUES - Não existe salvação pra ninguém!

IRENE - Isto não é vida. É um filme!

CANUDO (para si) - Você existe de fato, Canudo?

NELSON RODRIGUES - A vida, meus amigos, a vida assim cheia de mesmice, a vida é a mais descarada das ficções. Porque o desejo simples é a perversão mais complexa. Nada resiste à fúria dos desejos. O desejo é a parte carnal da cobiça. Somos feitos do que nos falta!

IRENE - Chega. Não me seduzirei por suas frases cheias de lógica, porque a lógica é limitada e pobre. Quer um exemplo? Que lógica existe nesta casa?

NELSON RODRIGUES - A lógica da desgraça e da torpeza...

CANUDO - Mentira. A lógica do amor.

IRENE - Do amor e da torpeza, do desejo e da desgraça... da violência e da putaria, da fé e da falta de fé. Ou seja, não existe lógica!

NELSON RODRIGUES - Detesto a burrice!

IRENE - E eu, a prepotência.

CANUDO - Você teria coragem para a honestidade, Nelson Rodrigues?

NELSON RODRIGUES - Eu não seria tão burro...

IRENE - Você é covarde e vil, pequeno e prepotente...

NELSON RODRIGUES - Mas burro, não!

CANUDO - Tenha coragem para a burrice, então?

NELSON RODRIGUES - Eu te amo, Canudo...

Silêncio.

CANUDO - Eu sabia!

IRENE - Cala a boca!

CANUDO - Ninguém mais se cala, mãe. Chegamos ao fundo do poço...

NELSON RODRIGUES - Minha burrice maior foi não ter admito isto. Toda minha ira, toda minha revolta, toda minha ironia era, no fundo, o mais genuíno amor. Amor de homem, Canudo.

CANUDO - Eu tenho nojo de você, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - Não, isso não... Tenha raiva de mim, tenha medo de mim... mas, nojo não.

IRENE - Eu também tenho nojo de você!

NELSON RODRIGUES - Você, não importa, Irene.

IRENE - Você não gosta de mulher!

CANUDO - Mas eu gosto, mãe. Eu gosto de mulher!

NELSON RODRIGUES - Gosto de homem...

IRENE - No meu filme você é mulher, filha!

NELSON RODRIGUES - E gosto de mulher...

CANUDO (para si) - Você é homem ou mulher, Canudo?

NELSON RODRIGUES - Gosto de homem/mulher...

IRENE - O meu filme é melhor que o seu!

NELSON RODRIGUES - Mulher/homem...

CANUDO - Melhor pra quem?

IRENE - Você me ama, Canudo?

CANUDO - Não do jeito que você imagina.

IRENE - O filme é meu!!!

CANUDO (para si) - Mas a estrela é você, Canudo.

IRENE - Eu sou a estrela.

NELSON RODRIGUES - Mas quem escreve o roteiro sou eu!

IRENE - Como assim?

NELSON RODRIGUES - Você me ama, Canudo?

CANUDO - Eu odeio você!!!

NELSON RODRIGUES - Não tem problema, eu te amo por nós dois.

IRENE - É mentira, minha filha...

CANUDO - Então, prove...

IRENE - Não, minha filha. Ele não tem limites...

NELSON RODRIGUES - Peça o que você quiser que eu te dou.

CANUDO (para si) - O que você quer, Canudo?

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom. Pode pedir o que você quiser. Não importa se me arder, se me esfolar, se me sangrar. Peça e eu te dou!

CANUDO (para si) - Você sabe muito bem o que você quer, Canudo.

IRENE - Peça, filha.

CANUDO (para si) - Ele me dará, mesmo?

IRENE - Peça que ele te dará.

CANUDO (para si) - Dará, Canudo.

NELSON RODRIGUES - Darei!

CANUDO - Eu quero a sua mulher.

IRENE - O quê?

CANUDO - Quero foder a sua mulher.

IRENE - Imbecis! Não é ele quem escolhe. Quem escolhe sou eu! Vocês são dois filhos da puta. Eu sou a santa dessa casa!

NELSON RODRIGUES - Eu sou, acima de tudo, um homem bom.

IRENE - Um homem bom, um caralho! Você é um monstro!

CANUDO (para si) - Canudo, você nunca foi tão sujo...

IRENE - E você é outro monstro!

CANUDO (para si) - Eu não sou sujo!

IRENE - Me solta, caralho!

NELSON RODRIGUES - Em nome do amor vale tudo, Irene!

CANUDO (para si) - Somos todos sujos, porra!

IRENE - Isto não é amor!

CANUDO (para si) - Isto não é amor, Canudo!

NELSON RODRIGUES - Só isto é amor, Irene. Todo o resto é egoísmo.

IRENE - Mentira, isto não é amor! Isto é crime!

CANUDO - Fica quieta, mãe! Eu nunca faria mal a você!

NELSON RODRIGUES - Canudo é um santo, Irene!

IRENE - Estou cansada de santos!

CANUDO - Eu te amo, Irene!

IRENE - Então me solta, Canudo!

NELSON RODRIGUES - Quem está te segurando sou eu. Canudo seria incapaz de lhe fazer mal...

CANUDO - Tudo o que eu te faço é bom, mãe. Relaxa!

NELSON RODRIGUES - Reza, Irene. Canudo é um santo. Reza pra ele.

IRENE - Não emporcalhe o nome dos santos, Nelson Rodrigues!!!

CANUDO - Resistir será pior mãe.

NELSON RODRIGUES - Fosse eu no seu lugar, Irene, e tudo seria amor...

CANUDO - Em seu corpo me alimento e vivo, minha mãe!

IRENE - Se isto é o amor, eu não o quero! Se isto é o amor, eu o detesto. Se isto é o amor, ele não me merece. Eu não sou santa, mas serei. Este será o dia de minha beatificação. Estarei ao lado de Deus quando morrer. Mas só quando morrer. Agora não. É preciso pecar muito para ser perdoada com dignidade. Agora sou a puta desvairada vestida de bruxa nos contos de criança. Quer me comer, minha filha? Quer me comer agora? Come!

Irene e Canudo fodem. Talvez Nelson Rodrigues precise gritar.

NELSON RODRIGUES - Durante anos, eu tive toda consciência das atrocidades que praticávamos nesse lar. Mas o ser humano tem essa terrível e poderosa capacidade de se adaptar a tudo. Em pou-

co tempo era como se fôssemos artistas de um circo de horrores, conquanto nunca tivéssemos público, tudo bem. E se esta família tem uma qualidade, é a discricção. Nunca ninguém vai saber de nós. É que minha mulher sempre frequentou a missa. A missa redime tudo. E eu sou um homem de posses. Meu pai me dizia: seja tudo, seja até canalha, mas não seja pobre. A pobreza é pior que o câncer, ele dizia. A missa nos redimiu, o dinheiro nos moldou. Era assim. Saíamos de mãos dadas, ninguém percebia a pressão que nos mantinha juntos. A hipocrisia é a principal qualidade do brasileiro. Andávamos como se fôssemos um retrato na parede. Canudo andava de olhos baixos. Irene deixava a ponta de seu queixo para o alto. Era nobre, a minha mulher. (*Apontando para Irene, que fode com Canudo*). Engraçado ver uma mulher tão nobre assim tão degradada. Eu diria que ela está gostando, mas amanhã, eu a conheço, será a pior mulher da face da terra. E eu, nas caminhadas, enfiava a mão em um dos bolsos da calça e piscava meus olhos com maior velocidade. Como se estivesse pensando alguma coisa inteligente. Mal sabiam os que me observavam as obscenidades que me passavam na cabeça. Verdadeiras podridões. E nós lá, retrato da verdadeira família feliz. E era assim que me sentia, como se fôssemos um retrato (a família real, a retratada, era outra). A hipocrisia é condição básica para a normalidade, só o hipócrita é feliz. Nós somos isto que aqui agora se apresenta: uma família feliz. Em nossas caminhadas conversávamos pouco. Algumas vezes chegamos em casa e vomitamos juntos. Nosso grande exercício de cumplicidade, vomitarmos juntos. Nos merecemos, agora o sei. Só assim, amontoados sobre as nossas desgraças compartilhadas é possível um pouco de grandeza. Foi preciso uma situação assim tão extrema para que descobríssemos o óbvio: somos uma família. Teria, finalmente, orgulho de mim, o meu pai? Quando morreu, ele me disse: você me repetirá na canalhice? Disse, segundos antes de virar a cabeça pra lá e respirar pela derradeira vez: me repetirá na canalhice? Eu não o respondi, engoli seco um 'sim', porque era o mais provável: nas piores situações, o filho

sempre repete o pai. É genético. Tive a mais resoluta certeza disso: serei um canalha porque meu pai foi canalha. Somos todos canalhas. Mas não! Hoje abandono toda canalhice para dizer sem dedos: eu o superei, meu pai! Agora sim, banhados na honestidade moral, posso dizer que sou melhor que você. Porque a minha família é íntegra. Já houve alguém imerso em tanta honestidade? Deixamos de ser normais, para sermos íntegros. Nos habituaremos à integridade? Talvez não, porque é imperioso, em sociedade, ser normal. A hipocrisia é mais forte que a felicidade. Estendemos nossos limites. Sabendo até onde podemos chegar, é possível que não cheguemos nunca. Por conveniência. Isto aqui, portanto, é nosso portal para resiliência. Viva a família brasileira! Viva a família brasileira!!!

A luz vai baixando sobre o retrato de família feliz.

3º ATO

TEXTO - Como de praxe, logo após o ato libidinoso, nossos personagens decidiram não falar sobre ele. Foram vinte dias de silêncio porque, como disse a pouco um deles, a hipocrisia é mais forte que a felicidade. Não é assim, normalmente? Nas famílias comuns são cometidas as piores podridões, e nos dias seguintes a normalidade volta a pairar sobre todos. Isto não é uma crítica à normalidade, pelo contrário, essa tendência à adaptação é uma qualidade do ser humano, um poder. Ou você aí, você mesmo, não se sente um super-herói?

É cedo. Canudo está em seu quarto com um fone de ouvidos. Enche balões de aniversário. Nelson Rodrigues está fazendo a barba, no banheiro. E Irene está na cozinha, passando pano no chão, com uma vassoura e um balde. Nelson Rodrigues se corta, deixa o barbeador cair, Irene escuta. Com o sangue de seu machucado, Nelson Rodrigues começa a desenhar caralhinhos na parede do banheiro. Canudo continua enchendo balões, assim que enche os posiciona em algum lugar da parede. Irene começa a dançar com a vassoura, enquanto desliza o pano pelo chão, pelas paredes, até que começa a passar o pano em si mesma, banhando-se. Canudo agora, com uma canetinha, desenha rostos femininos nos balões que acabou de encher. Nelson Rodrigues percebe que o sangue não para de sair, abre um espelho do banheiro do qual despencam centenas de vidros de remédio. Ele se desespera. Sai do banheiro para pedir ajuda a Irene, mas a surpreende num momento em que ela está quase fodendo com a vassoura. Num primeiro momento, ela congela. Depois, lentamente ela se dirige ao balde e afunda o próprio rosto nele. Nelson Rodrigues apenas observa, quase sem reagir, pinga sangue de seu rosto. No quarto Canudo revela várias facas. Ele atira facas nos balões. A luz geral vai abaixando lentamente. Tempo. A luz sobe lentamente. Agora Canudo e Irene estão assistindo televisão. Nelson Rodrigues está na cozinha com avental, touca e luvas térmicas. Liga

o micro-ondas. Tempo. Pipocas começam a estourar. Na tv passa alguma cena que deixa os personagens muito constrangidos, mas quando vão tentar sair, percebem que estão grudados ao móvel por elásticos. Até que, na cozinha, as pipocas param de estourar. Nesse momento, Irene e Canudo estão esbaforidos. Nelson Rodrigues tira a pipoca do micro-ondas e a despeja numa bandeja. Vai até a sala e se senta no sofá. Com normalidade, Canudo e Irene se sentam ao lado dele. Começam a rir efusivamente das cenas que passam na tv. A luz vai baixando lentamente. Tempo. A luz sobe, Canudo está sozinho em casa. Procura alguém, mas não encontra. Tira do bolso um cigarro e o acende na cozinha. Começa a fumar com o máximo prazer. Irene o surpreende, ele se assusta. Ela toma o cigarro, agarra-o pelos cabelos e afunda sua cabeça no mesmo balde que ela havia afundado. Luz se abaixa lentamente. Tempo. Luz, novamente. Canudo está no banheiro, ante o espelho, fazendo a barba. Nelson Rodrigues e Irene estão deitados na cama, um de cada lado. Ele se levanta, senta-se na cama, se espreguiça, coça os olhos. Olha para Irene. Percebe que ela está dormindo muito pesado. A cutuca. Ela não responde. Depois a balança. Nada. Ele acha que há algo estranho. A balança na cama, sob o cobertor, e ela não esboça reação. Ele se desespera, chacoalhando com cada vez mais vigor. Como ela não responde, ele vai até a cozinha, pega o balde de água, volta pra o quarto e o despeja sobre ela. Tempo. Ela não esboça reação. Ele coloca o balde na cabeça. Luz se abaixa lentamente. Tempo. Sobe a luz, os três estão caminhando de mãos dadas, Nelson Rodrigues pisca os olhos insistentemente. Luz se abaixa. Tempo. Luz sobe. Canudo e Nelson Rodrigues estão sentados à mesa. Irene está com o avental, a touca e a luva térmica. Trás uma imensa bandeja coberta, que parece estar quente e a coloca no centro da mesa. Tira as luvas, abre a bandeja. Há, dentro, uma escultura comestível no formato de pênis. Oram, em silêncio, mas Canudo fica de olhos abertos. Depois comem a escultura. Alguns segundos depois, Irene passa mal, vai até o balde e vomita. Tempo. Luz se abaixa e sobe. Irene ainda está vomitando. Sai a luz. Volta a luz. Agora, Canudo está só, enchendo um

balão. Luz se abaixa. Estoura o balão. Tempo. Luz. Nelson Rodrigues e Canudo estão assistindo tv, um em cada lado do sofá. Irene está sentada na privada do banheiro com cara de destruída. Luz se abaixa, tempo e sobe novamente. Irene embaixo das cobertas com um guarda-chuva. Tempo. Luz se abaixa. Sobe. Os três caminhando de mãos dadas, Irene usa uma máscara de balão. Luz sai. Volta. Canudo traz um chá para Irene, que está na cama, imóvel. Ele se senta do lado da cama. Ela, num rompante, se levanta e derrama o chá sobre a vagina. Volta para a posição deitada. Abaixa-se a luz, tempo, luz. Nelson Rodrigues e Canudo estão assistindo tv, um em cada lado do sofá. Irene está sentada na privada do banheiro, com cara de destruída. Canudo se aproxima da televisão e entra no aparelho. Nelson Rodrigues ri muito. Irene está apreensiva. Luz se abaixa, tempo, sobe novamente, Nelson Rodrigues está com o balde na cabeça. Tempo. Sai a luz, tempo, volta. Os três estão sentados no sofá, assistindo televisão. É hora da novela. Começa a passar exatamente a filmagem da cena em que Nelson Rodrigues segura Irene e Canudo a violenta. Os três se incomodam imensamente. Tempo longo.

NELSON RODRIGUES - Desliga!!!

Canudo corre para a televisão e a desliga. Tempo. Os três estão apreensivos.

CANUDO - Não havíamos combinado de não falar nunca mais nessa merda?

IRENE - Essa merda vai perseguir a gente pro resto da vida.

NELSON RODRIGUES - Não, Irene. Foi você que propôs e agora eu aceito. Agora eu percebo que será a nossa única saída. Isso aqui não é vida. Não é mais. Vida é isto que acabamos de assistir naquele aparelho eletrônico maldito. Isto aqui é uma novela. Somos três atores. Eu, você e Canudo. Três atores manipulando três persona-

gens. Três personagens intensos e incoerentes, o que explica qualquer desmesura.

CANUDO - E quem é que escreve essa merda, Nelson Rodrigues?

NELSON RODRIGUES - Eu mesmo. Eu escrevo. Escreverei. Acordarei todos os dias antes de vocês. Escreverei meticulosamente cada detalhe de nossas vidas. Deixarei apenas pequenos espaços para improvisos, onde a vida respirará. Depois irei dormir novamente, e, ao acordamos, começaremos a interpretar a nós mesmos. Tudo cuidadosamente elaborado.

CANUDO - Tenho medo das atrocidades que podem surgir em sua cabeça pervertida.

Nelson Rodrigues se dirige à televisão e a liga.

NELSON RODRIGUES - Nada é pior do que isto, Canudo!

CANUDO - Desliga essa merda, por favor...

NELSON RODRIGUES - Esta merda, seu merda, é a vida!

CANUDO - Desliga a vida, então.

NELSON RODRIGUES - Não seja estúpido, Canudo. Você teria coragem?

CANUDO (para si) - Você teria coragem, Canudo? Mais vontade que coragem. (para Nelson Rodrigues) Não, Nelson Rodrigues. Eu não teria coragem de desligar essa vida como quem puxa uma tomada de uma televisão.

NELSON RODRIGUES - Então você não tem alternativa, Canudo.

CANUDO - Eu não tenho alternativa.

NELSON RODRIGUES - E você, Irene?

IRENE - Essa merda vai perseguir a gente pelo resto da vida!

NELSON RODRIGUES - Você é crente, Irene. Você acredita na boa nova. Para vocês, tudo é possível. A água que vira vinho. A divisão dos pães. Um morto que ressuscita.

CANUDO - Não desdenha das crenças de minha mãe!

NELSON RODRIGUES - Não é desdém, Canudo. Hoje eu sei. Só a crença de sua mãe nos salva. A perfeita consciência de que há algo determinante e frio a que devemos nos submeter com graça e força. Deus.

CANUDO - É isto o que você quer ser, Nelson Rodrigues? Deus?

NELSON RODRIGUES - Não. Deus não distingue salvação de danação. Ele nos dá a escolha. Eu, não. Meu único desejo é nossa salvação. Eu sou mais simples que deus.

CANUDO - Você já tentou me salvar uma vez...

NELSON RODRIGUES - Eu sou melhor na segunda.

CANUDO - Não existe salvação pra gente como nós.

NELSON RODRIGUES - Mas você deseja a salvação, Canudo?

CANUDO - Eu não acredito em deus!

NELSON RODRIGUES - Ele só te dá a escolha, Canudo. Quer se

salvar ou quer se danar?

CANUDO (para si) - Quer se salvar ou se danar, Canudo? Eu quero os dois. Quero dançar sobre os escombros de minha salvação. Quero abandonar meu corpo nu no ar, quero foder a graça, cagar na esperança, arrancar as raízes secas da beleza.

NELSON RODRIGUES - Se salvar ou se danar, Canudo?

CANUDO (para si) - Os dois. Quero arder de dor e prazer. Ser feliz na desgraça. Gozar até as últimas gotas de sangue.

NELSON RODRIGUES - Se salvar ou se danar?

CANUDO - Desliga essa televisão!

NELSON RODRIGUES - Observa bem, Canudo, olha pra desgraça que você fez. Danado você já está, seu imbecil. Pra todo sempre. Você não tem escolha. Só te resta a salvação!

CANUDO - Desliga essa televisão, pelo amor de deus! Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!

NELSON RODRIGUES - Ótimo. Só o suplício redime.

Nelson Rodrigues desliga a televisão.

NELSON RODRIGUES - Você quer ser salvo, Canudo. Parabéns. Seja feita a vossa vontade.

4º ATO

Enquanto o texto é projetado ou dito, vê-se Nelson Rodrigues datilografando o seu texto.

TEXTO - Isto parece moralista demais pra você? A hipótese que a felicidade só é possível na ordem? Não se engane. Você não é o foco deste enredo, na melhor das hipóteses sua vida não nos interessa. Não preconcebemos nosso público. Nenhuma inteligência é limitada o bastante para deixar de compreender nossas teorias mais rebuscadas. Nada aqui é subentendido. A vida é como ela é. É claro, no entanto, que a partir de nosso drama, supõe-se que, em algum momento, você repense o seu. Seria possível observar-se de fora, como uma marionete? E se fosse possível, você preferiria ser o boneco ou o bonequeiro? Não se iluda. Há diversos exemplos na história em que a força estava com o fraco. Paradoxo? Ou natureza? Independente de sua resposta (ou de seu desejo) tudo é simples. Duvida?

Canudo e Irene se encontram na sala. Estão com textos na mão, que consultam regularmente.

CANUDO - Como foi sua noite, mãe?

IRENE - Antes de me dar bom dia já se preocupa comigo?

CANUDO - Bom dia, mãe.

IRENE - Minha noite não foi boa.

CANUDO - Por quê?

IRENE - Tive visões.

CANUDO - Conta.

IRENE - Não éramos felizes. Pelo contrário.

CANUDO - Nada nessas visões é verdade, mãe. Elas só confirmam nossa felicidade.

IRENE - Um dia você irá embora, filha...

CANUDO - Irei, como toda filha. Mas ainda não fui.

IRENE - Você quer?

CANUDO - Quando eu for embora, levo você comigo.

IRENE - Não, minha filha. Não quero ser um fardo em sua vida.

CANUDO - Você nunca seria, mãe. Um fardo em minha vida.

IRENE - Aos velhos, a indiferença do incômodo.

CANUDO - Não, mãe. Você envelhecerá e eu envelhecerei. Sere-mos duas velhas juntas. Você me promete que me esperará morrer?

IRENE - Fecharei seus olhos com a mão direita. Com a mão esquerda tomarei veneno. Nosso amor será infinito.

CANUDO - Amor de mãe e filha.

IRENE - Mãe e filha.

CANUDO - Também tive um sonho, mãe.

IRENE - Acha importante relatá-lo?

CANUDO - Só pra você. Promete não contar pra ninguém.

IRENE - Prometo.

CANUDO - Nem pra meu pai?

IRENE - Ele nunca saberá desse nosso segredo.

CANUDO - No sonho eu era homem. Me crescia a barba como mato. Minha voz era grossa. Eu estava nu. Tinha pelos no peito. Mas não tinha pênis. Havia um buraco no meio das minhas pernas. Mas também não era uma vagina. Era um buraco, mãe. Eu me abaixei para olhar dentro desse buraco, era um buraco fundo. Mas fechei um dos olhos para focar mais minha visão. E eu vi lá dentro, mãe. Eu vi lá dentro. Bem no fundo. E lá, mãe, lá eu era mulher. Com seios, mãe. Entende? Lá eu era mulher.

IRENE - Lá e aqui, meu amor. Não existe mulher mais linda que você.

CANUDO - Obrigado por me ensinar a ser mulher, mãe...

Tempo. As duas se olham com emoção, como se estivessem reprimindo um choro.

VOZ DE NELSON RODRIGUES - Agora, Canudo, você fala: "Não. Enxuguemos este sentimento. Não quero que Nelson Rodrigues nos veja chorar".

CANUDO - Mas isto não está no texto...

VOZ DE NELSON RODRIGUES - Mas achei conveniente acrescen-

tá-lo agora. Diga: “Não. Enxuguemos este sentimento. Não quero que Nelson Rodrigues nos veja chorar”.

CANUDO - Não. Enxuguemos este sentimento. Não quero que Nelson Rodrigues nos veja chorar.

IRENE - E o que eu respondo?

VOZ DE NELSON RODRIGUES - Responde: “Nosso choro será outro segredo”.

IRENE - Nosso choro será outro segredo.

VOZ DE NELSON RODRIGUES - Agora continuem o texto de onde haviam parado.

CANUDO - Nunca irei embora.

IRENE - Eu sei, meu amor.

CANUDO - Perdão se às vezes o insinuo. É um charme.

IRENE - Você é uma menina muito charmosa.

CANUDO - Posso te pedir um favor, mãe?

IRENE - Pode pedir o que você quiser...

CANUDO - O que eu quiser?

Tempo.

IRENE - Esta frase não está no texto, filha.

CANUDO - Desculpe, mãe. (Procura no texto) É... aqui: faz um bobó pra mim. Bobó de camarão.

IRENE - O que você não pede chorando que eu não faça sorrindo?

CANUDO - Eu te amo, mãe. Te amo como filha.

IRENE - Repete.

CANUDO - Quando você depositar uma flor em minha lápide, uma flor amarela, e chorar toda nossa história comum, lá estará escrito: te amo como filha.

Tempo.

IRENE - Não, filha.

CANUDO - Não o quê, mãe?

IRENE - Não me peça pra te esperar morrer. Isso não é natural.

CANUDO - Morreremos juntas. Quando você quiser.

IRENE - Quando nós duas quisermos.

Tempo.

VOZ DE NELSON RODRIGUES - Agora vocês se abraçam com ternura. Não, não aproximem tanto as faces, abracem-se com certa frieza, como dois homens que pretendem afirmar para si a própria heterossexualidade. Isso. Neste exato momento eu entrarei pela porta da sala.

Entra. Também tem um texto nas mãos.

NELSON RODRIGUES - Olá, mulher e filha. Tiveram um bom dia?

IRENE - Canudo quer bobó.

CANUDO - Bobó de camarão.

NELSON RODRIGUES - Uma ótima pedida, filha.

CANUDO - Eu pedi pensando em você, meu pai.

NELSON RODRIGUES - Não sei se mereço uma família assim.

IRENE - Assim como?

Tempo.

NELSON RODRIGUES - Isto não está no texto!

IRENE - É um pequeno improviso. Você pode responder?

Tempo.

NELSON RODRIGUES - Assim.

Tempo.

CANUDO - E como foi seu dia, pai?

NELSON RODRIGUES - Muita atribulada a redação hoje. Ocorreu um crime. Um crime terrível. Tinha essa mulher. Ela estava de vestido azul. Um motorista de caminhão olhou pra ela. Ele estava do outro lado. Mas jogou o caminhão pra cima da calçada. Atropelou outras pessoas. Matou seis. Ele só parou com o caminhão em cima dela. Ainda deu tempo de ele pular da cabine, alheio à fúria

da multidão que já se formava, levantar a cabeça da mulher que agonizava e dar-lhe um beijo. Um beijo na boca. Na sequência foi linchado pelas pessoas que presenciaram a barbárie. Foi amarrado num poste. E morreu ali mesmo. Nu.

CANUDO (para si) - Será você, Canudo, essa mulher amassada embaixo do caminhão de Nelson Rodrigues?

IRENE - Esse crime ocorreu mesmo?

NELSON RODRIGUES - Faz alguma diferença?

CANUDO (para si) - Já te disse, Canudo: foge daí!

IRENE - Se nossa condição é essa, vivermos pra sempre esse teatro, eu gostaria de conhecer o homem por trás desse personagem.

CANUDO (para si) - Foge enquanto é tempo...

NELSON RODRIGUES - Você já não me conhece o suficiente?

CANUDO (para si) - Tenho a sensação que vai acontecer algo muito ruim...

IRENE - Ninguém te conhece o suficiente.

CANUDO (para si) - Não posso fugir.

NELSON RODRIGUES - Tudo bem. Prometo que o capítulo de amanhã se chamará "Nelson Rodrigues".

CANUDO (para si) - Eu sou isto aqui.

NELSON RODRIGUES - Em que irei me apresentar sem nenhum

pudor.

CANUDO (para si) - Você é isto aqui, Canudo.

IRENE - Podemos continuar o texto?

NELSON RODRIGUES - Canudo.

CANUDO (para si) - Eu sou isto aqui.

NELSON RODRIGUES - Canudo!

CANUDO - Heim? Perdão... É minha vez?

IRENE - Sua vez, filha.

CANUDO - Eu proponho pai... que nos privemos do mundo lá fora. Aqui não há caminhões... (para si) Você tem certeza que não há, Canudo... (para Nelson Rodrigues) para nos atropelar...

NELSON RODRIGUES - Você tem razão, filho...

IRENE - Filha.

NELSON RODRIGUES - Heim?

IRENE - Filha. Você escreveu aqui, ó: filha.

NELSON RODRIGUES - Desculpem-me. Filha. Você tem razão. Aqui dentro tudo será limpo. Viveremos um universo paralelo. De pureza e contrição.

IRENE - Pureza e contrição são bálsamos para meus ouvidos.

NELSON RODRIGUES - O sei, meu amor.

IRENE - Eu nunca falaria essa palavra: bálsamo.

NELSON RODRIGUES - E daí? Eu nunca a chamaria de meu amor.

IRENE - Pois agora eu quero, não, eu exijo, que uma vez você me chame de meu amor. Nada de meu bem, minha querida, meu docinho. Me chame de meu amor sem estar escrito no roteiro. Me chame de meu amor da própria boca. Me chame de meu amor sem pensar.

CANUDO - Chega, mãe! Não vê que não temos saída, porra! Nós fomos longe demais.

IRENE - Eu não tenho coragem para a hipocrisia!

NELSON RODRIGUES - Sua mãe é histérica, Canudo!

CANUDO - Você é a mais forte de todos nós!

IRENE - Sou fraca para a hipocrisia!

NELSON RODRIGUES - Mas eu o imaginei, Irene. Ontem quando olhei pra você, eu pensei: ou Irene morre ou se transforma...

CANUDO - Minha mãe não morre!!!

NELSON RODRIGUES - Ninguém morre. Eu estou aqui para salvar vocês. Mas vocês precisam querer a própria salvação.

CANUDO - O que você prefere, mãe? A danação ou a salvação?

IRENE - Eu tenho escolha?

NELSON RODRIGUES - Sim! Eu te dou uma escolha. Uma escolha simples: aceitar ser outra pessoa. Você será purificada de todo pecado. Basta que aceite a palavra em sua vida.

IRENE - A palavra de quem?

NELSON RODRIGUES - A minha palavra!

IRENE - A sua palavra não me basta!

NELSON RODRIGUES - A minha palavra ungida pelo corpo de cristo.

IRENE - Que blasfêmia é essa?

NELSON RODRIGUES - Não é blasfêmia. É a mais pura contrição. Eu pensei: só purificando Irene, salvarei Irene. Fui até monsenhor Nepomuceno. Pedi três hóstias. Três hóstias consagradas. Ele me negou. Disse que era questão de vida ou morte. Ele negou novamente. 600 mangos. Dei 600 mangos pra ele. Em dinheiro vivo. Não falei nada. Peguei na carteira, joguei sobre a mesa. Fez até barulho. Ele arregalou os olhos. Depois juntou as mãos, resignado. Nem sei com qual dos membros ele recolheu as notas. Depois, foi enfático. Me deu as hóstias. Hóstias consagradas. Aqui estão.

CANUDO - Eu não quero hóstia consagrada.

IRENE - Você não tem escolha, filha. Dividimos o pior dos pecados. Ou nos purificamos todos juntos, nós três, ou nos matamos todos juntos.

NELSON RODRIGUES - Eu não quero morrer!

IRENE - Nem eu. Pelo menos, agora não.

CANUDO - Se você não quer, eu não quero.

IRENE - Comunguemos, portanto. A hóstia consagrada será nosso portal para a felicidade. Felizes, viveremos pra sempre essa hipocrisia.

NELSON RODRIGUES - É isso. Não há maior hipocrisia que a felicidade.

IRENE - Comunguemos, então.

Colocam as hóstias sobre uma bandeja e em uma mesa. Os três se perfilam, contritos.

IRENE - Repitam comigo: Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada...

CANUDO E NELSON RODRIGUES - Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada...

IRENE - Mas digam uma palavra e serei salvo.

CANUDO E NELSON RODRIGUES - Mas digam uma palavra e serei salvo.

IRENE - Tomai e comei todos vós. Este é o corpo de Cristo. O corpo da nova e eterna aliança que será derramada e entregue a vós, para o perdão de todo o pecado. (Oferece a hóstia a Nelson Rodrigues.) Corpo de cristo.

NELSON RODRIGUES - Amém.

Nelson Rodrigues toma a hóstia.

IRENE (oferecendo a hóstia a canudo) - O corpo de cristo.

Canudo toma a hóstia.

IRENE - Aí você responde, Amém, e a come sem mastigar.

CANUDO - Amém.

Oferece a si mesmo a última hóstia.

IRENE - Corpo de cristo. Amém.

Coloca na própria boca. Ficam os três rezando em silêncio.

TEXTO - O uso indiscriminado de um ritual cristão tão representativo do dogma católico lhe incomoda? (Seja franco, mas esta é uma pergunta retórica, você já deve ter percebido.) Não, não se engane: não estamos nos devotando ao desdém aleatório a valores alheios só por cruel diversão. O que aqui se questiona é a capacidade humana de fugir, como um inseto, do que é concreto, para se apegar, como um parasita, ao que é abstrato. Seríamos mais fortes se fôssemos mais objetivos? Este drama é, como se percebe, um conflito entre o que é físico e o que é metafísico. Quer uma prova?

Irene passa mal e sai pra vomitar no mesmo balde de cenas anteriores. Tempo.

CANUDO - Você vomitou a hóstia consagrada, mãe!

Tempo. Irene se recompõe.

IRENE - Vomitei. Porque trago aqui dentro o que vai nos macular pra sempre...

NELSON RODRIGUES - Aqui dentro, onde?

IRENE - Aqui, ó! Aqui!

CANUDO - Mãe! Você está...

IRENE - Grávida!!! Eu estou grávida!

NELSON RODRIGUES - Não é possível. Você é...

IRENE - Estéril? Eu sou estéril? Não sou, eu não sou estéril. O estéril é você, Nelson Rodrigues!

CANUDO (para si) - Esta criança é sua, Canudo...

IRENE - Todos esses anos ouvindo que eu era estéril. Eu me sentia pior que um bicho.

NELSON RODRIGUES - Você não pode estar grávida, Irene. Deve ser um erro.

IRENE - Eu fiz o teste. Uma listrinha, nada. Eu continuaria estéril. Duas listrinhas, bingo, o oco era você.

CANUDO (para si) - Você é homem completo, Canudo...

IRENE - Duas listrinhas. Eu vi: duas listrinhas. O oco é você!!!

CANUDO - Você está grávida de mim, mãe?

IRENE - Irene. Me chama de Irene.

CANUDO - Você está grávida de mim, Irene?

IRENE - Sim, Canudo. Grávida de você. Eu vomitei porque ninguém pode viver com dois santos dentro de si.

CANUDO - Eu sou homem, mãe!

IRENE - Um homem completo, filha.

NELSON RODRIGUES - Isto não é verdade. Isto não pode ser verdade. Você é oca!

IRENE - Não sou, seu monstro! E agora eu entendendo tudo... Anos e anos tentando justificar pra mim mesma essa obsessão por uma menina e agora eu entendo... A minha obsessão era você, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - Além de burra, é louca!

CANUDO - Não chama a minha mãe de burra!

IRENE - Burra, sim. Burra, burra, burra! Eu fui a mais burra das mulheres. Eu não me achava mulher suficiente para este homem que era grande e sábio. Grande e sábio! Eu queria uma filha para dar uma mulher para você!

CANUDO - E você deu, mãe...

NELSON RODRIGUES - Você me deu a melhor das mulheres desse mundo.

CANUDO - Não sou mulher, sou muito mais homem que você!

IRENE - Eu te dei a única mulher que te satisfaria!

NELSON RODRIGUES - Você me deu a única mulher que me satis-

faria.

CANUDO - Eu não sou mulher, caralho!

IRENE E NELSON RODRIGUES - Eu sei!

CANUDO - E você não é homem!

NELSON RODRIGUES - Vocês não percebem? Somos uma família perfeita. Feitos daquilo que não somos. Somos no outro. Eis a conclusão mais óbvia. E, se nos conformássemos com a obviedade? A obviedade ululante? Esta é a única saída. Somos pervertidos? Quem não é? Sabemos? Sim e esta é a nossa principal nobreza. Hoje sairemos daqui mais fortes. Só a força salva. Nada dessa bobagem de humildade, nem da caridade. Os fracos destroem o mundo.

CANUDO - Você não é forte!

NELSON RODRIGUES - Permite-me sê-lo em seu corpo, Canudo...

CANUDO - Tira suas mãos de mim!

NELSON RODRIGUES - Nunca te violentei Canudo... Quem ama não violenta!

IRENE - Quem ama e violenta, violenta duas vezes!

CANUDO - Isto não é amor!

NELSON RODRIGUES - O maior amor do mundo! O maior amor do mundo!

CANUDO - Me solta, seu porco!

IRENE - Solta meu filho, seu bosta!

NELSON RODRIGUES - Eu sou um homem bom!

IRENE - Você é o pior ser humano que já pisou sobre a terra!

NELSON RODRIGUES - Chega! Que esteja registrado: eu tentei de tudo. Tentei dar-lhes espaço para o improviso, mas chega. Seu único desejo é enfraquecer meu argumento com libertinagens personalistas, mas eu não permito. Eu repito: isto aqui é um teatro! E eu sou o diretor e o dramaturgo. E vocês são reles atores. Atores! Atores!

IRENE - Você também!

CANUDO - Atorzinho de merda!

NELSON RODRIGUES - Sou ator também, mas eu sou a personagem principal, ouviram? Tudo aqui gira em torno de mim, sabem por quê? Porque eu escrevo. Escrevo e vocês repetem. Só isso. Há alguma dificuldade nisto? Repetir, repetir, repetir?

IRENE - Você perdeu as rédeas desse drama, não percebe?

NELSON RODRIGUES - Perdi, admito, mas retomo-as de novo. Porque a vida é assim. Vai e vem. Coisas que são verdades absolutas hoje se convertem na mais mesquinha mentira em um instante.

IRENE - E quem é que define o que é verdade e o que é mentira?

NELSON RODRIGUES - Eu! Defino e escolho. Agora, por exemplo, estamos imersos na verdade. Não restam mais segredos entre nós. Está tudo posto. Estaríamos preparados para a verdade? Não im-

porta mais, a verdade está preparada para nós. Chegamos num mundo sem hipocrisias, tudo aqui é verdade. E toda verdade está aqui (mostra o texto).

CANUDO - Você não é deus, Nelson Rodrigues!

IRENE - Não é mesmo!

NELSON RODRIGUES - Está aqui e a continuarei. Meu próximo capítulo vai se chamar “o aborto de Irene”.

CANUDO - O quê???

IRENE - Olha o que eu faço com seus capítulos, Nelson Rodrigues! (Rasga o texto).

NELSON RODRIGUES - Mas como é burra, meu deus.

CANUDO - Você não vai abortar o meu filho, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - O verdadeiro texto está aqui, ó! (aponta a própria cabeça)

CANUDO - Só por cima do meu cadáver!

NELSON RODRIGUES - O verdadeiro texto é indestrutível!

CANUDO E IRENE - Mentira!

IRENE - Você é muito mais frágil do que uma folha de papel, Nelson Rodrigues!

CANUDO - Deixa em paz o meu filho...

IRENE - Será uma menina, Canudo. Eu sinto.

NELSON RODRIGUES - Não será nada. Eu vou escrever: “Irene vai até a casa de Dona Cleci. Dona Cleci amarra a boca de Irene com os paninhos de menstruo das profissionais da casa. Sujos. Depois, enfia nela a agulha de crochê. Irene sangra todo seu pecado”.

CANUDO - Chega! Você não vai escrever mais nada!

IRENE - Não sangrarei pecado algum, Nelson Rodrigues! Sabe por quê? Porque eu não tenho mais pecados. Sou uma mulher sem pecados. Deus me perdoou no instante em que me concebeu.

CANUDO - Esta criança não é filha de deus, Irene. É minha!

IRENE - Sua e de deus, Canudo!

NELSON RODRIGUES - Eu sou deus!!!

IRENE - Finalmente a sua prepotência saiu do armário!

NELSON RODRIGUES - Você é crente, Irene! Me obedeça!

IRENE - Se você é deus, eu não creio em deus!

NELSON RODRIGUES - Deus quer seu aborto, Irene!

CANUDO - Deus não vai bulir com meu filho!

IRENE - Deus quer o aborto de sua mãe, Nelson Rodrigues!

NELSON RODRIGUES - O seu, Irene. Agora!

CANUDO - Larga minha mãe!!!

IRENE - Deixa ele vir, Canudo! Ele é mais fraco que uma folha de papel!

NELSON RODRIGUES - Eu escrevo. Isto não é um neném. É um caroço! Deixa eu arrancar esse caroço!

CANUDO E IRENE - Não chama o meu filho de caroço!

NELSON RODRIGUES - Deixa eu te salvar do câncer, Irene!

IRENE - Meu câncer é você!

NELSON RODRIGUES - Ai, Canudo, me solta seu veado!

IRENE - Canudo não é veado!

CANUDO - E você não é deus!

NELSON RODRIGUES - Não estou conseguindo respirar...

IRENE - Você é mais fraco que uma folha de papel!

NELSON RODRIGUES - Não abortem o filho de minha mãe...

CANUDO - Você é aborto ambulante!

NELSON RODRIGUES - Socorro... Não tenho mais forças... Tentei de tudo, vocês viram. Esta será uma revolução das criaturas contra seu criador. E não há ninguém que faça nada? Eu sou um homem bom! Se eu morrer agora, quero que saibam de uma coisa, uma coisa simples: eu não me arrependo de nada. De nada, ouviram? Se tivesse outra chance faria tudo de novo. Tudo de novo e pior: cortaria seu pênis, Canudo, ouviu? Você seria minha mulherzinha completa. Minha próxima cena será essa: A mulher sem pê-

nis. Em sua homenagem, meu amor... Ai, já não respiro. Tenham piedade de mim! Tenham piedade de mim!

IRENE - Vamos salvar você. Salvar você de você mesmo!

CANUDO - Morre, Nelson Rodrigues!!!

Canudo e Irene estão sobre Nelson Rodrigues, que desfalece em terror absoluto. Tempo longo.

CANUDO - Nós matamos Nelson Rodrigues, mãe...

IRENE - Eu não sou a sua mãe, caralho!

CANUDO - Nós matamos Nelson Rodrigues, Irene!

IRENE - Ele não nos deixou escolha, Canudo.

CANUDO - E, agora?

IRENE - Agora, a vida recomeça. Sem ele. Nada estará escrito. Teremos coragem para a liberdade, Canudo?

CANUDO - Estou com medo, Irene.

IRENE - Não o tenha. Confia em mim. Nos próximos dias esquartejaremos seu corpo em pequenos pedaços. Esquartejar em dupla é mais fácil, acredite. Um estica, o outro corta.

CANUDO - Perguntarão dele na redação?

IRENE - Quando ele sumir, as pessoas notarão, mas fingirão que não. Ninguém suporta Nelson Rodrigues. Fizemos um bem, Canudo.

CANUDO - Porque será que sinto falta de você me chamando de filha?

IRENE - Porque só a perversão liberta.

CANUDO - Não é pecado?

IRENE - Só é pecado quando não é bom.

CANUDO - Você está diferente, Irene?

IRENE - A morte de Nelson Rodrigues me libertou. Me libertou de mim mesma.

CANUDO - Posso me libertar, também?

IRENE - Tira essas roupas, Canudo. Eu te liberto de mim.

Canudo tira as roupas.

IRENE - Não sente vergonha? De sua nudez?

CANUDO - De você não, Irene.

IRENE - Se eu te pedir uma coisa você faz? Faz pelo nosso bebê?

CANUDO - Sim, eu faço.

IRENE - Veste as roupas dele. Veste as roupas de Nelson Rodrigues.

CANUDO - Pra quê?

IRENE - Pra eu me despedir dele, definitivamente...

CANUDO - Eu não sou Nelson Rodrigues!

IRENE - Finge. Faz disso um filme. Precisa que eu escreva?

Canudo não responde. Tira as roupas do cadáver de Nelson Rodrigues e as veste. Irene vai até a vitrola e coloca uma música.

IRENE - Nelson Rodrigues...

CANUDO - Eu não sou...

IRENE - Você será o que eu quero que você seja. Eu quis que você fosse uma menina. Você virou uma linda menina com cara de rato. Agora eu quero que você seja Nelson Rodrigues!

CANUDO (entre os dentes) - Eu sou Nelson Rodrigues!

IRENE - Dança comigo, Nelson Rodrigues.

Aproximam-se e dançam.

5º ATO

TEXTO - É isso. Pode ser que tenhamos exagerado nos traços das personagens. É porque o drama só atrai nos extremos. É preciso carregar um pouco os traços de uma pessoa quando observada, para que perca o que na vida é sem graça e insosso.

Blackout na cena, mas o texto permanece sem pausa. Ilumina-se a cena e vê-se Canudo com o balde na cabeça.

TEXTO - A natureza é violenta e crua. O homem se habituou à civilidade. A civilidade pressupõe a hipocrisia. Só a hipocrisia salva. Esta família é tipicamente brasileira. Em poucos meses será recomposta: um homem, uma mulher e uma criança.

Luz sai devagar sobre a cena. Tempo. Ilumina-se a cena. A barriga de Irene cresceu. Estão ambos caminhando na rua. Canudo pisca os olhos freneticamente.

TEXTO - A família brasileira é conservadora. Canudo se mostrou coerente com a tradição, virou um pai de família dedicado, abriu um pequeno comércio onde vendia carnes. Carnes nobres. Dedicou-se ao negócio como um empreendedor engajado. Nunca um açougue foi tão bem sucedido.

Luz sai devagar sobre a cena. Tempo. Ilumina-se a cena. A barriga de Irene cresceu. Estão assistindo TV, cada um do lado do sofá. Na tv passa uma cena de Nelson Rodrigues dançando com Irene.

TEXTO - Irene estava certa. Ela anunciou o sumiço do marido. No começo algumas pessoas estranharam. Mas ele foi facilmente esquecido. Outra tradição do brasileiro: ele só é solidário no câncer. O câncer, para o brasileiro, é pior do que a morte.

Blackout. Tempo. Luz, sobre a cena. Nelson Rodrigues datilografando.

TEXTO - Mas o Brasil é um país lindo. Tem o carnaval e tem o futebol. E as pessoas tem a alegria típica dos trópicos. Tudo acaba em samba. Queremos, portanto, terminar essa história com a esperança de uma vida que se renova. Nada será mais furtivo que isto. Será como na religião. Renascemos todos no corpo dessa criança.

Blackout. Som de choro de criança. Luz sobre a cena. Irene e Canudo sobre uma cama de hospital.

IRENE - Se parece com você.

CANUDO - Tem cara de rato?

IRENE - Um rato que saiu de dentro de mim.

CANUDO - De mim e de você, meu amor!

IRENE - Não me chama de meu amor!

CANUDO - Desculpa, minha senhora.

IRENE - Levanta daí, seu rato!

CANUDO - Você me faz o homem mais feliz do mundo, senhora.

IRENE - Quer observar nossa cria?

CANUDO - Posso?

IRENE - Vem cá, seu rato.

Canudo se aproxima com medo de Irene. Começa a chorar.

CANUDO - Que lindo o nosso filho. Um ratinho. E que lindo esse pintinho dele, se parecerá com o meu, tenho certeza. Um lindo menino com cara de rato. Agora me diga, Irene: qual será o nome de nosso filho.

Tempo. Luz sobre Nelson Rodrigues datilografando. Ele soletra em voz alta:

NELSON RODRIGUES - N... E... L... S... O... N...

CANUDO - Você já escolheu o nome de nosso filho?

NELSON RODRIGUES - R... O... D... R... I... G... U... E... S...

CANUDO - Já?

IRENE - Luciana. Nossa menina se chamará Luciana.

Congelam, como numa foto. A luz se apaga lentamente. Permanece o barulho da datilografia por um tempo. Cessa. FIM.

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delfrios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: www.jullianomendes.com
(Julliano com 2 L's)